




OS CONHECIMENTOS SOBRE O BRINQUEDO DE MIRITI NO LIVRO PARADIDÁTICO E NA FEIRA ESCOLAR

KNOWLEDGE ABOUT THE MIRITI TOY IN THE EDUCATIONAL SUPPLEMENTARY BOOK AND AT THE SCHOOL FAIR



Joyce Otânia Seixas Ribeiro  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

Cibelly Brito Freitas  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

Raysa Gomes Costa  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

Resumo: Esse artigo trata da relação entre cultura e educação e, para o momento, intencionamos mapear os conhecimentos sobre o brinquedo de miriti em duas atividades escolares. O aporte teórico é de diferentes campos de saber, acionados unicamente dar conta da reflexão. As informações foram produzidas por meio da etnografia, em duas de suas modalidades, a etnografia pós-moderna e a etnografia multilocal, de acordo com Clifford (1998) e Marcus (2001), respectivamente. Os conhecimentos do brinquedo de miriti têm lugar nas escolas pesquisadas e circularam em duas atividades desenvolvidas: na publicação do livro paradidático “O miriti e seus encantos”, e na exposição de um trabalho sobre recursos pedagógicos feitos de miriti na Feira Escolar. Ambas as atividades apresentaram vários temas que se constituem em conhecimentos sobre o brinquedo de miriti e contribuem para o ensino culturalmente relevante, como: história da cidade de Abaetetuba, a tradição e seus elementos, os temas tradicionais e a representação da vida ribeirinha, a estética da miniaturização, a “produção generificada” e o patrimônio cultural. Concluímos que, dada a força pedagógica da cultura, professores e professoras precisam explorar mais sobre o brinquedo de miriti na sala de aula, para despertar o sentimento de pertencimento ao lugar, e constituir identidades por meio dos significados da cultura local.

Palavras-chave: Conhecimento. Brinquedo de miriti. Feira Escolar. Livro paradidático.

Abstract: This paper deals with the relationship between culture and education and, at the moment, we intend to map the knowledge about the miriti toy in two school activities. The theoretical contribution comes from different fields of knowledge, applied solely to address the reflection. The information was produced through ethnography, in two of its modalities, postmodern ethnography and multi-sited ethnography, according to Clifford (1998) and Marcus (2001), respectively. The knowledge of the miriti toy takes place in the researched school and circulated in two activities developed: the publication of the extracurricular book “O miriti e seus encantos” (The Miriti and Its Charms), and in the exhibition of work on pedagogical resources made of miriti, at the School Fair. Both activities presented various themes that constitute knowledge about the miriti toy and contribute to culturally relevant teaching, such as: the history of the city of Abaetetuba, tradition and its elements, traditional themes and the representation of riverside life, the aesthetics of miniaturization, the “gendered production”, and cultural heritage. We conclude that, given the pedagogical power of culture, teachers need to explore the miriti toy more in the classroom, to awaken a sense of belonging to the place, and to build identities based on the meanings of local culture.

Keywords: Knowledge; Miriti Toy; School Fair; Educational book.



1 PREPARANDO A CAMINHADA

*brinquedos de miriti
merecem todo cuidado
versos leves coloridos,
delicados*

Edite Pereira e Luiz Carlos França

Iniciamos apresentando o poema sobre o brinquedo de miriti por considerar que remete a várias qualidades desse artefato, como o colorido vibrante e a maleabilidade, esta última garantindo a leveza e a delicadeza das peças, o que nos leva a redobrar o cuidado ao tê-las nas mãos, pois logo podem danificar. O poema está no livro de Edite Pereira e Luiz Carlos França, intitulado *Poemas de Miriti* (Belém, Imprensa Oficial do Estado), publicado no ano de 2016. Decidimos incluí-lo devido suas mensagens causarem emoções e reflexões socioculturais sobre a temática pesquisada.

Dito isso, passaremos a informar sobre o artigo. Esse constitui-se em um recorte dos resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento intitulada “Os conhecimentos ancestrais do brinquedo de miriti no currículo em ação”, PIBIC/UFPA/2025-2026. Para entretecer a reflexão, dialogamos, entre outros, com Campelo e Silva (2018), Porfírio (2018), Canclini (1989, 1994), Clifford (1994), Giroux (1999, 1995), Hobsbawn (1984), Silva (2000, 1999, 1990), Hall (1997a, 1997b), Gonçalves (2002), e Williams (1979). O trabalho de campo vem sendo realizado em duas escolas do município de Abaetetuba, uma da cidade e outra do campo. Os interlocutores são dois grupos de professoras, um de cada escola.

A escola da cidade oferta o Ensino Fundamental, mais precisamente as séries iniciais e a do campo oferta a educação infantil. As etapas e modalidades de ensino ofertadas pela administração pública municipal estão amparadas nas legislações vigentes, cabendo à Secretaria Municipal de Educação desenvolver suas ações em conformidade com o nelas disposto¹.

O Ensino Fundamental é uma etapa da Educação Básica, obrigatória e gratuita na rede pública de ensino. Tem duração mínima de nove anos, e destina-se à formação integral de crianças e adolescentes. Nas escolas públicas municipais de Abaetetuba está organizado com uma carga horária de 800 horas, distribuídas em 200 dias letivos, em uma jornada de quatro

¹ A legislação em vigor que orienta a educação nacional: a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a LDB n. 9394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, e outras mencionadas no texto do DCMA (2019).

horas de atividades educativas, com quinze minutos para o intervalo, com um calendário escolar que, na medida do possível, tenta atender as peculiaridades locais (DCMA, 2019). O diferencial da Educação Infantil é que essa ganhou espaço dada a legislação em vigor, que determina aos órgãos públicos a oferta de creches e pré-escolas. O atendimento em creches e pré-escolas é um direito social das crianças e dever do estado, e resultou de lutas de diversos segmentos sociais. Desse modo, creches e pré-escolas superaram a conotação assistencialista, passando a expressar o compromisso social e educativo estatal com a educação de crianças, pautada na sua preparação para as etapas posteriores do processo de escolarização.

O fio que alinhava essa pesquisa é a noção de conhecimento. Por conta disso, buscamos em Silva (1990, 1999) uma compreensão de seu significado, e, conforme seus argumentos, o conhecimento não é um conjunto neutro de fatos e informações, mas uma produção social e política em meio a disputas. O conhecimento está intimamente conectado a cultura, cuja noção buscamos em Williams (1979), que a entetece na intersecção entre Sociologia e Antropologia, e remete a modos de vida e a processos de significação. Conhecimento e cultura se constituem mutuamente, influenciando a organização, a seleção curricular, e a constituição de identidades. Assim, todo conhecimento é cultural, efeito dos muitos sistemas de significação. Silva (1999) propõe que a pedagogia seja visualizada como cultura, e a cultura como pedagogia, o que resulta em processos pedagógico-culturais complementares. Significa dizer que a escola formal detém um currículo, e que as instituições culturais — museu, cinema, *Shopping Center*, teatro, literatura — também possuem, porém, esse é um currículo que transmite valores e crenças, ou seja, conhecimentos culturais.

A partir daqui, passaremos a informar sobre o trabalho de campo. Para a produção de informações acionamos a etnografia em duas de suas modalidades: a etnografia pós-moderna e a etnografia multilocal. A primeira surgiu na década de 1970 em um contexto pós-colonial, orientada por uma noção de cultura plural e contestada, sendo por isso transgressora, mas fecunda para o campo educacional. O trabalho de campo etnográfico é mantido como central dada sua sensibilidade para a observação e as conversações. A observação participante consiste na atenção permanente na vida diária, para mapear um conjunto de signos: hábitos, costumes, cerimônias, gestos, atitudes, ideias, valores e normas. Por seu turno, as conversações intencionam desnaturalizar eventos e pessoas, identificando as interlocutoras-chave que se mostrem sintonizadas com a pesquisa, que estejam dispostas a colaborar e disponham de algum conhecimento acerca do objeto investigado.

Com as informações compomos o diário de campo, um documento crucial que força as pesquisadoras a enfrentarem as complexidades dos encontros e a tratarem os relatos textuais

como construções parciais (Clifford, 1998). A escrita e a tradução da experiência etnográfica para a forma textual, são dois processos complicados pelas múltiplas subjetividades em disputa e constrangimentos políticos difíceis de controlar, mas, ao final, precisamos manter a autoridade etnográfica.

Quanto a etnografia multilocal, essa foi acionada para a análise de um livro paradidático. Isso porque o foco desse tipo de etnografia são outras linguagens como a das obras de Arte, dos meios de comunicação, da Literatura (Marcus, 2001) e dos arquivos. Inclui como o objeto de estudo, significados, discursos, representações e identidades. Para desenvolver a etnografia multilocal é preciso seguir tramas, metáforas e discursos, bem como estranhar as condições de produção do documento, seguir atores individuais para compreender sua atuação, por meio de marcos de significação. Aqui, vamos adentrar na Literatura, mais precisamente na literatura infantil, de modo que um livro paradidático é o campo de investigação. Assim, o livro se encontrava disponível, o adquirimos, lemos, e buscamos informações sobre o processo de elaboração. Para a produção de informação, seguimos o discurso buscando mapear os temas sobre o brinquedo de miriti nele contidos.

Para o momento, apresentaremos apenas dois resultados, um de cada escola (apresentadas com nomes fictícios), quais sejam, o livro paradidático intitulado “O miriti e seus encantos”, e a Feira escolar que contou com uma exposição de recursos pedagógico-culturais ocorrida no ano de 2025.

2 A ESCOLA E O LIVRO PARADIDÁTICO

*canoas de miriti
navegam
no mar da procissão
canoas de miriti
navegam
no mar da devoção*
Edite Pereira e Luz Carlos França

O trabalho de campo realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Murilo Cardoso localizada na cidade de Abaetetuba, no Pará, foi, até o momento, desenvolvido por seis meses, com observação participante cotidiana em algumas salas de aula e nos demais espaços escolares, conversações com um grupo de professoras e registros fotográficos. A escola é considerada de médio porte, um espaço com bastante iluminação natural, corredores amplos, nove salas espaçosas, e outras destinadas à sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), à secretaria, à sala dos professores e à sala da coordenação. Há um espaço para o

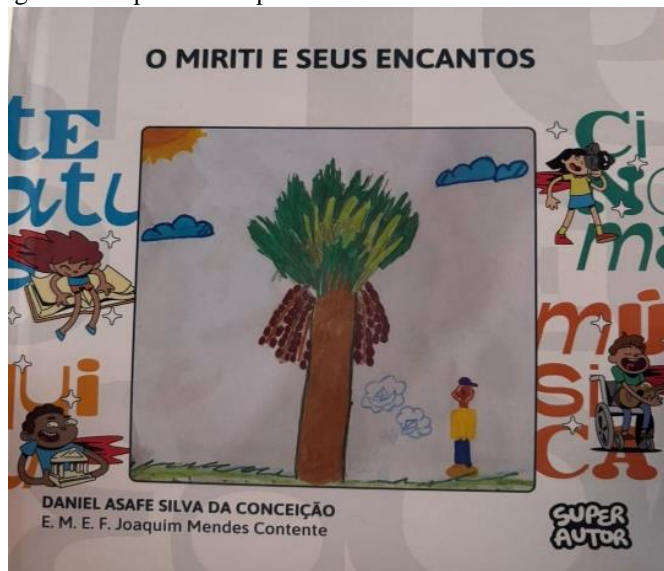
refeitório, dois banheiros destinados às meninas e dois aos meninos. Percebemos que não há banheiro acessível para pessoas com deficiência, e nem parque infantil, mas possui uma quadra esportiva e espaços ao ar livre.

Até o momento, percebemos que as professoras não ensinam sobre o brinquedo de miriti na sala de aula. Entretanto, o diretor da escola informou que alunos e alunas dos 4º e 5º anos escreveram livros paradidáticos sobre o brinquedo de miriti. Mas antes de apresentar o livro paradidático publicado, cumpre ressaltar que nos últimos tempos, o conceito de livro paradidático foi diluído e praticamente desapareceu do mercado editorial.

Porém, quando surgiu nos anos de 1970, livro paradidático definia livros que, diferente dos livros didáticos tradicionais, tornavam mais interessante o estudo devido conter textos mais literários, com elementos ficcionais, relatos envolventes, imagens e multicores, tornando o ensino mais divertido e agradável (Campelo; Silva, 2018). Assim, sua função era incentivar a aprendizagem, por meio de histórias e narrativas pessoais que ampliavam conhecimentos, promoviam o hábito de leitura, a interpretação e a reflexão crítica.

Um dos livros paradidáticos é este que apresentamos a seguir.

Figura 1 - Capa do livro paradidático “O Miriti e seus Encantos”.



Fonte: Ribeiro, 2026.

O livro paradidático “O miriti e seus encantos” integra o Projeto superAutor, iniciativa da Super, empresa instalada em Niterói-RJ, que atua com crianças da educação infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. O Projeto superAutor teve início no ano de 2023 e foi encerrado no ano de 2025.

No portal da empresa Super (<https://www.superautor.com.br>), consta seus objetivos: letrar, despertar o autor que existe em cada criança, estimular a criatividade e o protagonismo

por meio da leitura e da escrita. Assim, escolas e professores orientadores são cadastrados no projeto, estes últimos para acompanhar e orientar os alunos e alunas do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental a escreverem suas histórias e ilustrar seus próprios livros. Na *fanpage* da empresa (#superAutor), há imagens de muitos eventos nos quais os livros foram lançados, inclusive com sessão de autógrafos. Não é possível estimar a totalidade de publicações, mas centenas de livros paradidáticos foram publicados em várias cidades do país, sendo comercializados ao preço de 80 reais.

Conforme a Imagem 1, o livro paradidático “O miriti e seus encantos” é apresentado com capa dura, 21 x 21 cm, com 16 páginas em papel com gramatura 250g e publicado no ano de 2025. O aluno-autor é Daniel Asafe Silva da Conceição, de 10 anos, que foi orientado pelos professores Fabrício de Sousa Silva e Rejane Silva da Silva, a escrever sua história, e a ilustrar o livro com seus próprios desenhos.

Na capa desse paradidático, há vários desenhos que representam crianças de etnias diferentes, inclusive uma PCD, e essas estão esculpindo, voando, dançando, filmando e tocando violão. Há também um desenho do aluno-autor representando um menino e um miritizeiro. No interior do livro, as bordas das páginas também contêm desenhos que representam crianças, bem como a foto do aluno-autor, de sua família e dos professores orientadores.

No seu livro, Daniel Asafe Silva da Conceição conta que em seu primeiro dia de aula se deparou com a enorme palmeira de miriti, ficando surpreso pois nunca havia visto uma. E como não tem nenhum brinquedo de miriti, pediria ao seu pai para comprar um no *Miritifest*. Do miritizeiro o que mais gosta são as talas com as quais faz suas pipas para se divertir com seus amigos. Daniel relata que ficou sabendo que o miriti, por sua leveza, é conhecido como o isopor da Amazônia, com o qual é possível fazer lindos brinquedos como barcos, pássaros, cobras, e jacarés que mostram os traços culturais de nossa região. Informa ainda que Abaetetuba é conhecida como a capital mundial do brinquedo de miriti. Outro destaque é sobre os artesãos e as artesãs, que considera pessoas incríveis que cortam o miriti, montam e pintam os brinquedos bem coloridos.

Ainda que, como percebemos, esse livro paradidático seja pouco usado na sala de aula, apresenta muitos temas sobre o brinquedo de miriti que podem ser explorados.

3 A FEIRA ESCOLAR E A EXPOSIÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS DE MIRITI

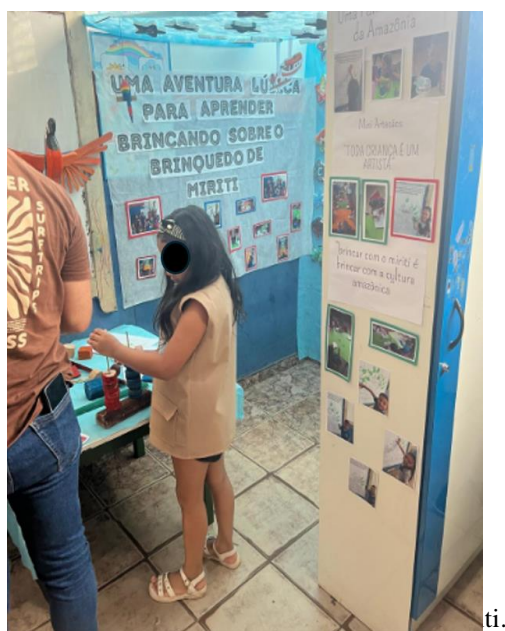
*barcos de miriti
navegam nos rios da infância
aportam nos trapiches
das lembranças*
Edite Pereira e Luz Carlos França

A outra escola onde desenvolvemos a pesquisa é a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Raimundo Rios, considerada como escola do campo, mas localizada nas proximidades do portal da cidade. A escola possui um amplo espaço, com três blocos de sala de aula — um com duas salas e dois blocos com três salas de aula —, uma pequena sala da secretaria, uma sala de leitura improvisada em um corredor ao lado de um dos blocos, três banheiros, a copa, o “vadeão” — espaço amplo com mesas e cadeiras destinado ao lanche dos estudantes —, um depósito, e um pequeno campo na entrada do terreno do prédio escolar. No turno matutino a escola oferta a Educação Infantil, e no vespertino do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

As crianças e adolescentes atendidos moram no bairro Bosque, e nos ramais próximos, como o ramal do Abaetezinho. As interlocutoras são um grupo de professoras que vêm de diferentes municípios, como Moju, Igarapé-Miri e Abaetetuba, trabalham no diurno, com Língua Portuguesa, Matemática, Artes, História, Geografia e Ensino Religioso. As professoras sabem que o conteúdo sobre o brinquedo de miriti está presente em vários componentes curriculares do Documento Curricular do Município de Abaetetuba (DCMA). Todavia, segundo elas, não há tempo e espaço para encaixar tais conhecimentos no currículo escolar. Até o momento, é possível afirmar que o conteúdo sobre o brinquedo de Miriti está ausente das salas de aula. No entanto, a escola realizou uma Feira Escolar na qual houve a exposição de um trabalho sobre recursos pedagógicos feitos de miriti, sobre a qual passaremos a relatar.

A Feira Escolar foi realizada no mês de junho do ano de 2025, e organizada por professores/as e a coordenação pedagógica da escola. Foram apresentados muitos trabalhos científicos e pedagógico-culturais, todos expostos em estandes instalados nas salas de aula. Entre os trabalhos, estava o dos alunos de uma turma do Maternal intitulado “A aventura lúdica para aprender brincando com o brinquedo de miriti”. Na imagem 2, é possível notar que sobre a mesa há brinquedos pedagógicos coloridos como peças geométricas e um jogo de montar, e que, afixado na parede há um pássaro vermelho de miriti com as asas abertas. Há também um amplo cartaz informando a temática da exposição, com imagens de brinquedos de miriti como uma arara, um barco, e outros temas que a baixa nitidez da imagem não permite especificar com precisão. Para o estudo, nos interessa os pássaros e o barco de miriti.

Figura 2 - Cartaz informando a atividade.



Fonte: Gomes, 2025.

Para Porfírio (2018), as Feiras de Ciências surgiram a partir da necessidade de popularização da ciência que, entre os séculos XIX e XX, avançou nos aspectos científicos e tecnológicos, dadas as grandes descobertas científicas. Porém, esse conhecimento ainda é desconhecido da maioria da população, o que se expressa na dificuldade de uma pessoa em compreender o funcionamento básico de um carro, fazer pequenos reparos elétricos em sua casa, ou trocar a resistência de seu chuveiro elétrico. Por conta disso, a popularização da ciência

promove a autonomia para a solução de problemas. Para tanto, é preciso divulgá-la, dialogando com a sociedade, falando dela para leigos nos espaços de educação formal e informal. Nesse contexto, as Feiras de Ciências ou Feiras Escolares, contribuem para a socialização da ciência.

São muitos os experimentos apresentados em Feiras Escolares e, no caso da escola pesquisada, entre outros, foi apresentado um trabalho sobre recursos pedagógicos feitos de miriti, destinados a aprendizagem lúdica. Os recursos pedagógicos (Imagens 2 e 3), são considerados ferramentas capazes de auxiliar o ensino, facilitando a aprendizagem significativa, na medida em que promovem uma experiência tátil (textura, temperatura) e sensorial (identificação das cores, formas e dimensões), que estimula o interesse dos alunos e alunas. Os brinquedos pedagógicos possibilitam a aprendizagem lúdica, pois impulsionam a expressão livre e alegre da criança, e, ainda, permitem identificar como a criança se relaciona com o processo de aprendizagem. Para Kishimoto (2000), a introdução de brinquedos e jogos no processo educativo é crucial para o desenvolvimento e o reconhecimento da brincadeira na vida das crianças. Desse modo, brinquedos e brincadeiras são formas privilegiadas de desenvolvimento e de constituição da identidade infantil.

Da perspectiva cultural, os recursos pedagógicos feitos de miriti, particularmente o barco e a arara, ressaltam a centralidade da cultura do miriti para Abaetetuba, pois as imagens de ambos no cartaz, bem como a peça da arara afixada na parede, remetem aos brinquedos de miriti. Ao tratar sobre a cultura, Hall (1997a), argumenta que esta é central na sociedade e nas atividades das instituições, pois a cultura governa o social. Recontextualizando a cultura para a escola, Giroux (1999, 1995), afirma que a cultura governa o pedagógico, dado que seus significados aí circulam, constituindo o pensar, o fazer e o ser. Por isso, na exposição sobre recursos pedagógicos feitos de miriti, vemos a cultura de Abaetetuba sendo levada para o interior da escola, o que dispara alguns aspectos relativos à tradição bicentenária, como a maleabilidade da matéria-prima do miritizeiro, os temas tradicionais, como os pássaros da fauna amazônica e os barcos usados para locomoção pela população ribeirinha. Esses temas promovem um ensino culturalmente relevante, bem como o orgulho de pertencer a esse território, e de ser ribeirinho. Conforme Silva (1999, 1990), isso é possível devido, no cenário atual, o conhecimento ter sido redefinido, passando a ser considerado como sistema de significação, ou seja, como cultura, logo, todo conhecimento é cultural.

4 OS CONHECIMENTOS SOBRE O BRINQUEDO DE MIRITI, O PERTENCIMENTO E AS IDENTIDADES

*brinquedos de miriti
arte simplicidade
estrelas para enfeitar a cidade*
Edite Pereira e Luz Carlos França

Como é possível notar, tanto o discurso do livro paradidático quanto a exposição de recursos pedagógico feitos de miriti, apresentam vários temas sobre o brinquedo de miriti possíveis de aprofundamento pelos docentes, por meio de pesquisa em livros, artigos publicados em periódicos, teses e dissertações disponíveis, tornando-os conteúdo para serem ensinados na sala de aula. A título de exemplo, mencionamos 4 livros:

- a) FERREIRA JÚNIOR, Amarildo. Entalhadores do efêmero: artesanato, processo criativo e vida associativa na Amazônia. Belém: NAEA/UFPA, 2017. Formato e-book. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/756>
- b) LOUREIRO, João de J. P. Da cor do Norte. Abaetetuba: PMA, 2005.
- c) PARÁ, Carlos; CONTENTE, Flávio. Miriti: mãos que tecem sonhos. Belém: Marques Editora, 2017.
- d) SILVEIRA, Flávio L. (Org.). Catálogo miriti das Águas: pesquisa etnográfica, estudo da coleção do Museu do Círio. Belém: SECULT/SEBRAE, 2012.

Agora, resta procedermos a um aprofundamento parcial, devido ao espaço reduzido, sobre os temas do brinquedo de miriti que aparecem no livro paradidático e na exposição de recursos pedagógicos.

Sobre Abaetetuba, com Gomes (2013) é possível saber que a cidade está localizada às margens do rio Maratauíra, contando com inúmeras ilhas, rios e igarapés. “Em virtude do clima quente e seco, sujeito a enchentes periódicas dos rios e igarapés, os miritizais se desenvolvem no alagado” (Loureiro, 2017, p. 12). Abaetetuba tem muitas representações, como terra da cachaça, cidade da arte, cidade das bicicletas, e, atualmente, é considerada a capital mundial do brinquedo de miriti, dada a relevância econômica e cultural desse artefato.

Os brinquedos de miriti são artisticamente modelados, manifestando o desejo de concretizar na matéria, sonhos e experiências vividas (Loureiro, 2017). Se apoiando em Loureiro (2012), Ferreira Jr. afirma que o brinquedo de miriti é, a um só tempo, um artesanato-artístico e um artesanato de miriti, mas ambos são produzidos segundo uma tradição que diferencia a cidade. Concordamos que é um artesanato-arte, por expressar a subjetividade de artesãos e artesãs. A matéria-prima usada na produção do brinquedo é o pecíolo, braço ou bucha retirada da palmeira do miriti, abundante na região Amazônica (Silveira, 2012). A bucha do

miriti é leve e quebradiça levando-o a ser chamado de isopor da Amazônia, qualidade que permite modelar as peças com muitos detalhes.

Sobre a tradição do brinquedo de miriti, Ribeiro, Sarges e Alexandre (2017), argumentam que essa é de origem popular e preservada pela tradição oral, de modo que as informações que circulam sobre, dão conta que as primeiras iniciativas para modelar o miriti foram de crianças ribeirinhas que, sem acesso aos brinquedos industrializados, usavam a bucha do miriti para modelar pequenos barcos e canoas que flutuavam com facilidade nos rios e igarapés, garantindo suas brincadeiras.

Com o tempo, os brinquedos de miriti passaram a ser comercializados em feiras e mercados. Segundo a tradição oral, a primeira barquinha de miriti foi vendida durante a I Feira do Produtor no ano de 1793, ano em que também ocorreu o primeiro Círio de Nazaré. Tomando essa informação como marco de origem da tradição do brinquedo de miriti, consideramos que essa tradição é bicentenária, a despeito do IPHAN considerar que é uma tradição centenária, em razão de seu marco temporal ser a constatação de que os brinquedos de miriti começaram a ser vendidos em 1906.

A tradição do brinquedo de miriti é uma entre as muitas que foram inventadas nos séculos XVIII e XIX, quando dos eventos políticos e culturais transformaram a feição das sociedades ocidentais. Contudo, como é uma tradição oral, é reproduzida oralmente por meio de práticas que existem no Brasil desde o século XVI, em sociedades indígenas ágrafas, ou seja, que não dominavam a escrita. Desse modo, os conhecimentos e experiências de cada povo foram, ainda são armazenados na memória humana e transmitidos de uma geração a outra (Freire, 1992). Por meio da tradição oral, o brinquedo de miriti foi reconhecido levando-o a ocupar um lugar duplamente central para a cidade de Abaetetuba, pois, além de aquecer a economia garante renda adicional à muitas famílias, proporciona visibilidade, prestígio e diferenciação para a cidade e sua população.

Mais adiante, no período republicano, as tradições foram usadas com a finalidade de disseminar os valores republicanos. Porém, no Brasil, o objetivo era de, por meio do folclore, construir uma cultura nacional que incluísse o país no conjunto das nações cultas. No período do modernismo brasileiro, o artesanato, o folclore e a cultura popular foram tratados como representantes da essência nacional, e usados para preservar tradições consideradas ameaçadas de extinção. Hobsbawn (1984), argumenta que a tradição é uma forma de fé, pois mesmo laica é amplamente aceita, devido produzir e reproduzir sentimentos e condutas socialmente sancionadas.

Contudo, as tradições não são fixas, pois são alteradas pelas mudanças sócio-históricas vividas por cada sociedade. Uma explicação desse fato é dada por Williams (1979), por meio da noção de tradição seletiva, na qual a tradição é sempre uma versão do passado selecionada no presente. Em relação a tradição do brinquedo de miriti, esta não é apenas sobrevivência do passado, mas é, sim, uma versão do passado mantida no presente por meio de discursos e significados selecionados. A tradição do brinquedo de miriti sofreu mudanças especialmente no processo de modelagem das peças, por meio de orientações pontuais do SEBRAE, o que alterou o tamanho, a pintura e o acabamento das peças, sob o argumento de torná-los mais atrativos e rentáveis.

Para Hobsbawn (1989), toda tradição possui elementos que a constitui, e a do brinquedo de miriti não é diferente. Assim, esses elementos foram identificados por Autora, Lobato e Alexandre (2017): a relação com o Círio de Nazaré, a estética da miniaturização, os temas tradicionais e a “produção generificada”.

A relação com Círio de Nazaré se dá, segundo Lobato e Autora (2025), devido a tradição do brinquedo de miriti ser ritualizada nessa festividade religiosa que ocorre anualmente em Belém do Pará, desde o século XVIII. Dialogando com David Connadine, antropólogo britânico, sobre a invenção das tradições, as autoras argumentam que o Círio detém força integradora enquanto manifestação religiosa, o que se expressa por meio de seus rituais, os quais sustentam e reforçam significados assimilados pela população. Essa força integradora se manifesta na reunião de fiéis de todo o país, em encontros e práticas culturais mediadas por viagens, conversas, valores, ideias, trocas e sabores que subjetivam de outro modo.

A estética da miniaturização é um traço que desperta atenção, já que as peças de miriti são modeladas em miniaturas, entalhadas com abundância de detalhes e pintadas com colorido vibrante. Mesmo com a beleza das peças, ainda há certos aspectos de rusticidade. Sobre a miniaturização, Canclini (1989) argumenta que esta é parte integrante de uma estratégia discursiva destinada a engrandecer os significados, na medida em que permite em um só olhar apreendê-lo. Os significados são os aspectos da vida da cidade e do campo, e os muitos traços característicos da amazonidade. Por conta disso, o brinquedo de miriti é um artefato-síntese do regionalismo, da identidade amazônica, pois, em geral, quer comunicar que é um reflexo fiel da realidade.

Sobre os temas, há os denominados tradicionais e os inovadores. Os temas tradicionais são os mais procurados pelo público em geral, pois esses remetem às cenas cotidianas da vida ribeirinha no interior da Amazônia, como os hábitos, os costumes, as crenças e os valores de

homens e mulheres que ocupam esse lugar. Assim, os brinquedos em miniatura representam homens e mulheres trabalhando, os itens de sua alimentação, as atividades de lazer, o tipo de habitação, a religiosidade, o afeto, e os animais da Amazônia. Os temas inovadores foram criados a partir do contato de artesãos e artesãs com a cultura globalizada por meio das variadas mídias, pois ainda que vivam em uma cidade da floresta, estão em permanente contato com os signos da globalização. Temas como o televisor, o rádio, a motocicleta, o avião, tablets e bonecos representando personagens de filmes de sucesso como super-homem, homem aranha, homem de ferro, e personagens como Wood do filme da animação infantil Toy Story, e Elsa do filme da animação infantil Frozen, bem como muitos outros, estão sempre presentes.

A respeito da “produção generificada”, essa é constituída pela divisão de tarefas entre homens e mulheres nos ateliês de produção dos brinquedos de miriti, de modo que eles fazem o trabalho considerado bruto — cortar e lixar — e elas fazem o trabalho considerado leve — pintar. A divisão de tarefas institui hierarquias, pois o corte-modelagem é responsabilidade unicamente do homem, do artesão-chefe, que em geral é o dono de ateliê e o chefe da família de artesãos. Para a maioria dos artesãos, cortar-modelar é um “dom”, por acreditarem que não é uma tarefa fácil, pois requer destreza. Sobre o “dom”, Canclini (1989), argumenta que esse manifesta a fé de que a inspiração emana dos deuses. Por isso, essa tarefa é quase sagrada, logo, de homens considerados destemidos e habilidosos. Cada artesão-chefe possui uma técnica, que é sua marca individual, facilmente identificada por um observador atento.

Outros discursos justificam a masculinização do corte-modelagem pelo perigo que surge devido a necessidade do manuseio de uma faca afiada para modelar, o que ocasiona ferimentos cotidianos nas mãos dos artesãos mais habilidosos. Os ferimentos são uma ameaça para as mãos supostamente pouco habilidosas das mulheres, o que mantém o corte-modelagem como tarefa masculina. Assim, a pintura-acabamento é considerada uma tarefa feminina, pois sendo mais pacientes, as mulheres seriam mais cuidadosas com os detalhes e com a aparência final das peças. A “produção generificada” está naturalizada, de modo que passa despercebida entre artesãos e artesãs, não se constituindo em um problema, pois, para artesãos e artesãs, os homens sempre cortaram e as mulheres sempre pintaram.

Sobre o brinquedo de miriti como patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará, seu reconhecimento ocorreu por meio da Lei Estadual n. 7.433/2010. O patrimônio cultural é um bem material ou imaterial que representa ideias e valores na mediação entre passado e presente, identificando a nação por meio da diferenciação entre os lugares, concedendo prestígio. É preciso protegê-lo por sua grandiosidade, beleza e valor social, na medida em que guardar modelos estéticos e simbólicos é buscar legitimação histórica, segundo Canclini (1989). O

brinquedo de miriti constituiu uma coleção que é propriedade coletiva (Gonçalves, 2002), que expressa a cultura, nesse caso, a cultura ribeirinha. A coleção guarda e protege os bens culturais do tempo, para serem lembrados e preservados. Nesse movimento de colecionar bens, surge o patrimônio. O brinquedo de miriti é patrimônio cultural imaterial, isto é, não considera o objeto em si, o lugar ou o monumento, mas seu valor simbólico.

Canclini (1989), destaca que a preservação do patrimônio cultural proporciona saúde espiritual à população, por conceder prestígio a cidade, disparando o sentimento de pertencimento ao território e a constituição das identidades locais. Em relação ao campo, a preservação atesta que certo estado de natureza sobrevive as mudanças da industrialização, como é o caso da vida ribeirinha no interior da Amazônia. Nesse ambiente, o campo — seus valores, costumes e tradições — é considerado como a única via de redenção social, devido ser representado como a “alma” do lugar, por, supostamente, manter a pureza da identidade da população.

No entanto, o patrimônio cultural só existe como força política quando é teatralizado em comemorações, monumentos, museus, feiras, exposições e festividades (Canclini, 1989). A exposição do patrimônio é uma necessidade de certos grupos e classes que consideram o mundo como um grande palco para a exposição do patrimônio. O brinquedo de miriti é teatralizado em, ao menos, três momentos distintos: quando exposto e comercializado durante o Círio de Nazaré; quando exposto durante o *Miritifest* — uma feira anual com duração de 3 dias, que atrai a atenção da população local e de turistas de todas as regiões do país —, e quando expostos nos “museus naturais”, isto é, nas casas dos moradores e moradoras da cidade e nos espaços de instituições públicas.

Canclini (1989) argumenta que para participar do palco da teatralização, é preciso ser culto, ou seja, é preciso ter não só a escolarização formal, mas, principalmente, educação visual, para conhecer a coleção de bens e seus significados, constituindo empatia, laços afetivos e identificação. Quanto menos escolarização, menor a chance de trânsito e atuação nesse palco. Para que a população abaetetubense tenha o direito inalienável a memória e a identidade, a história, a tradição e o patrimônio precisam ser rememorados, para que crianças e jovens constituam suas identidades.

Hoje, a identidade é maleável, contraditória e continuamente alterada, por se constituir na história e no diálogo tenso com o outro. Tal identidade é produzida, de acordo com Hall (1997b), na sociedade globalizada, marcada pela centralidade da cultura, e em permanente

mudança. Essa é a identidade pós-moderna, volátil, sem uma essência. A identidade unificada, coerente e sólida é uma ficção.

Essa noção de identidade está atrelada a realidade vivida. As múltiplas culturas em cena pressionam as identidades nacionais e locais, já que seus signos, significados e representações as constituem como parte de certa nação ou comunidade, e imprimem em homens e mulheres um sentimento de lealdade, influenciando o ser-pensar-sentir, ainda que tal unificação seja questionável, dada as muitas culturas, por isso, a ideia de identidade nacional e/ou local nunca atinge de modo uniforme todos os grupos existentes.

Queremos encerrar ressaltando que as inúmeras peças do brinquedo de miriti ao constituírem uma tradição bicentenária e o patrimônio cultural, produzem e disseminam sentido, por meio de signos, significados e representações sobre a cultura ribeirinha na Amazônia e sobre o que é ser ribeirinho. Então, é preciso visibilizar seus códigos, suas marcas e seus artifícios, pois esses têm efeito nas pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O brinquedo de miriti tem centralidade econômica e cultural em Abaetetuba, e, no aspecto cultural, concede visibilidade, prestígio e diferenciação para a cidade e para os municípios, e esses, precisam conhecer melhor os elementos relacionados a tradição bicentenária e ao seu patrimônio cultural imaterial. A cultura local se relaciona com a educação, tanto que em duas escolas públicas municipais, duas situações pedagógico-culturais visibilizam o brinquedo de miriti: o livro paradidático “O miriti e seus encantos” e a exposição sobre recursos pedagógicos de miriti durante uma Feira Escolar. Tanto no livro paradidático, quanto na exposição, alguns temas do brinquedo de miriti aparecem e podem ser pesquisados e aprofundados por professores e professoras, de modo a compor conhecimentos a serem transmitidos e debatidos criticamente na sala de aula.

Os temas que podem ser aprofundados e debatidos na sala de aula dizem respeito a história de Abaetetuba, a relação do brinquedo de miriti com o Círio de Nazaré, a tradição bicentenária, os temas tradicionais que representam a cultura ribeirinha, a estética da miniaturização, a “produção generificada” nos ateliês, e o patrimônio cultural. É uma necessidade explorá-los mais nas atividades pedagógico-culturais da escola, para despertar a empatia, o afeto e a necessidade de proteção do patrimônio, assim como o sentimento de pertencimento ao território, e a constituição de identidades situadas.

REFERÊNCIAS

- ABAETETUBA. **Documento Curricular do Município de Abaetetuba**. Abaetetuba: SEMEC, 2019.
- BRASIL. **Certidão Círio Nossa Senhora de Nazaré**. Brasília: IPHAN, 2004.
- CAMPELLO, Bernadete S.; SILVA, Eduardo V. da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 64-80, 2018.
- CANCLINI, Nestor G. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. Trad. Maurício Santana Dias. **Revista IPHAN**. N. 23, 1994, pp. 91-115.
- CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1989.
- CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. Trad. Anna O. B. Barreto. **Revista IPHAN**, n. 23, 1994. p. 69-75.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- FERREIRA JÚNIOR, Amarildo. **Entalhadores do efêmero: artesanato, processo criativo e vida associativa na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2017. Formato e-book. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/756>.
- FREIRE, José R.B. Tradição oral e memória indígena: a canoa do tempo. *In*: SALOMÃO, Jayme (Org.). **América: Descoberta ou Invenção**. IV Colóquio UERJ. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- GIROUX, Henry. **Atos impuros: a prática política dos Estudos Culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GIROUX, Henry. **Cruzando as Fronteiras do Discurso Educacional: novas políticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GOMES, Jones da S. **Cidade da arte: uma poética da resistência nas margens de Abaetetuba**. Tese de Doutorado. Belém: PPGCS/IFCH/UFPA, 2013.
- GONÇALVES, José R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.21-29.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997a.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997b.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. *In*: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KISHIMOTO, Tisuko M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

LOBATO, Lidia S.; RIBEIRO, Joyce O. S. A tradição do brinquedo de miriti ritualizada no Círio Nossa Senhora de Nazaré, Belém, Pará. **Anais do III Seminário de Pesquisa do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória**. Belém: UEPA, 2025.

LOUREIRO, João de J. P. Brinquedo de miriti. *In*: PARÁ, Carlos; CONTENTE, Flávio (Orgs.). **Miriti: mãos que tecem sonhos**. Belém: Marques Editora, 2017.

MARCUS, George E. Etnografía en/el sistema mundo: el surgimento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, Ciudad de México, v. 11, n. 22, p. 111-127, 2001.

PARÁ. **Lei 7.433/2010**, de 30/06/2010. Belém: ALEPA, 2010.

PORFIRO, Leandro D. **História e memórias de feiras de ciências em espaços escolares**. 2018. 198 f. Tese (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

AUTORAS. Gênero, sexualidade e currículo cultural nos ateliês de produção do brinquedo de miriti. **Anais 3º SIECE/5º SBECE**. Canoas: ULBRA, 2015.

AUTORAS. Brinquedo de miriti: a força pedagógica da cultura local no currículo. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 28, n. 2, p.227-245, 2017.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz T. da. Currículo, conhecimento e democracia: as lições e as dúvidas de duas décadas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.73, p. 59-66, 1990.

SILVEIRA, Flávio L. Miriti das Águas, das ilhas... de Abaeté. *In*: SILVEIRA, Flávio L. (Org.). **Catálogo miriti das Águas: pesquisa etnográfica, estudo da coleção do Museu do Círio**. Belém: SECULT/SEBRAE, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.